OGM

Os impactos da biotecnologia

Glauber Silveira*

TEMOS DISCUTIDO o tema da biotecnologia, a importância, o avanço e a sua implicação sobre o futuro da produção dos alimentos, em especial da soja. São inegáveis os avanços da biotecnologia nos últimos dez anos. E no Brasil, na área da agricultura, saímos de uma posição de total atraso científico para outra privilegiada e admirada até mesmo pelos EUA.

A transgenia parece não ter volta, pois traz soluções tecnológicas para problemas importantes da agricultura, como nos custos, em razão das pragas, doenças e dos fatores climáticos.

O Brasil possui um moderno modelo de aprovação de novos eventos transgênicos. Ao contrário de países competidores, como, por exemplo, a Argentina, o posicionamento nacional para a aprovação de eventos é independente dos países compradores. Isso não representa desleixo ou falta de preocupação. O sistema de aprovação é extremamente rígido. O País busca pela agilidade aquilo que o mercado necessita.

É necessário explicar, mesmo que resumidamente, algumas diferenças existentes entre os sistemas de aprovação de eventos transgênicos dos países.

Nos EUA, depois que decidem os eventos transgênicos a serem pesquisados, os possíveis danos e as formas de controle, as empresas encaminham aos órgãos controladores para decidirem se os critérios sugeridos são exequíveis, os parâmetros de acordo com fundamentação científica, e, em caso positivo, o evento é aprovado.

No Brasil, a Comissão Técnica Nacional de Biossegurança (CTNBio) apura o risco trazido pelo evento ao ambiente, à saúde humana, na área vegetal e animal, através de técnicos especialistas e responsáveis pelas análises dos eventos a serem aprovados. São todos PhDs. Além disso, contamos com os órgãos do Estado para registrar os produtos oriundos dessa tecnologia.

Os argentinos usam o modelo denominado de "espelho". Na prática, eles aprovam para o plantio apenas os eventos já autorizados a ser comercializados nos países parceiros, como a União Europeia. Isso resulta em atraso. No último ano, nenhum novo evento transgênico de soja foi aprovado no país, que fica em desvantagem com relação aos principais competidores, no caso o Brasil e os EUA.

Como podemos observar em todos esses países, o critério de aprovação é baseado em parâmetros científicos. Diferentemente da Europa, onde os critérios políticos e econômicos se sobrepõem, e, se não for do interesse deles, os eventos não são aprovados.

Comercialmente, a empresa detentora da tecnologia deve registrar no país produtor e no comprador o novo evento. Isso, porém, nem sempre acontece ao mesmo tempo. A dificuldade para o registro na Europa tem muito mais a ver com interesses comerciais que realmente uma preocupação sanitária ou ambiental.

Os obstáculos para a aprovação de novos eventos transgênicos acontecem principalmente em momentos quando há excesso de oferta de soja no mundo. Quando os estoques estão baixos, há pressa em liberar o novo evento. Os debates recentes se referem ao fato de os países fornecedores produzirem comercialmente variedades aprovadas apenas internamente, sem garantias dos importadores. Isso gera ameaça de contaminação das cargas exportadas.

Não podemos abrir mão dos avanços biotecnológicos, assim como não podemos admitir de forma alguma que determinados países se utilizem dessa estratégia para reserva de mercado.

A Aprosoja analisa de forma aprofundada os reflexos econômicos e comerciais da adoção da biotecnologia no cultivo de soja. Nas participações dentro e fora do Brasil, fica clara a urgência para chegarmos a um discurso único, pelo menos entre nós, sul-americanos.

Até onde irão as restrições, exigências e condicionantes impostas pelos mercados compradores para a soja cultivada a partir de variantes transgênicas? Atualmente, 83% da soja brasileira são da Geneticamente Modificada (GM). As projeções dos especialistas indicam a continuidade na tendência da adesão à biotecnologia.

Por outro lado, vemos segmentos externos, mesmo que a passos lentos, interessados pela soja convencional. Tivemos, no ciclo 2010/11, o pagamento de prêmios para produtores mato-grossenses de soja convencional. Em Sapezal, por exemplo, o prêmio chegou a R$ 4,25 para cada saca de grão não transgênico.

Hoje, manter reservas convencionais do grão é uma questão de segurança nacional. Devemos minimizar o risco de nos tornarmos dependentes da tecnologia com mais empresas produtoras. É urgente o governo brasileiro disponibilizar recursos para a Embrapa desenvolver e manter seu banco genético atualizado e capaz de responder a qualquer demanda necessária à segurança alimentar de nosso país.

Tecnologia boa é aquela que traz liberdade e não aquela que aprisiona, fazendo toda a produção de um país ou do mundo dependente dela. É preciso dar liberdade de escolha a produtores e consumidores, tendo disponível tecnologia de produtos GMs, convencionais e orgânicos. ■

* Presidente da Aprosoja-MT e da Aprosoja Brasil